



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



Por ALZIRA ALVES ABRANTES

DA SÉRIE A

DESENHOS DE A. CASTANE

OS meninos já viram um sapo? Não têm visto este feio animal nos vossos jardins? Pois bem; este animalzinho é muito útil aos campos.

Destroi insectos nocivos, ajuda o homem na agricultura, etc.

Há pessoas que os matam, porque desconhecem a sua utilidade.

A propósito, vou contar uma história para que, quando os meninos virem este animal no seu jardim, o não matem.

Havia



um rapazinho, muito rico, que se chamava Luiz e residia na ilha da Madeira. Esta ilha é encantadora pois nela se vêem inúmeras maravilhas.

Campos férteis, cheios de arvoredo e, por toda a parte, árvores carregadas de delicados frutos. Tem lindas paisagens que, muitas vezes, fazem parte de maravilhosas lendas, sendo até admiradas pelos estrangeiros.

Luizinho possuía um jardim, muito lindo, em frente de casa; tinha vários amigos mas só da sua especial afeição era um rapaz muito engraçado que se chamava Alfredo, com quem muito brincava.

Um dia, em certa manhã primaveril, estando eles a brincar, viram, com grande espanto, dois sapos. Não sabendo que espécie de bichos eram e, com medo deles, tentaram matá-los. Porém, depois de reflectirem, foram chamar a mãe de Luizinho, senhora simpática e bondosa, vestindo sempre com elegância.

Luizinho, muito interessado, perguntou: — «Mãezinha, como se chamam estes bichos tão feios?»

(Continua na página 7)

A AMBICÃO CASTIGADA

por ANGELO CARDOSO PEREIRA DE ALMEIDA (Série B)

O rei duma nação oriental, mandou lançar preções por todo o reino, prometendo o lugar de primeiro ministro a quem se atrevesse a entregar-lhe a cabeça duma enorme serpente que devastava as povoações rurais, ameaçando, mesmo, a capital.

Os grandes espadachins da cõrte e dos pontos mais afastados do país, trataram logo de agir, cada qual por sua vez, mas baldadamente: todos pereciam na luta titânica contra o monstruoso reptil.

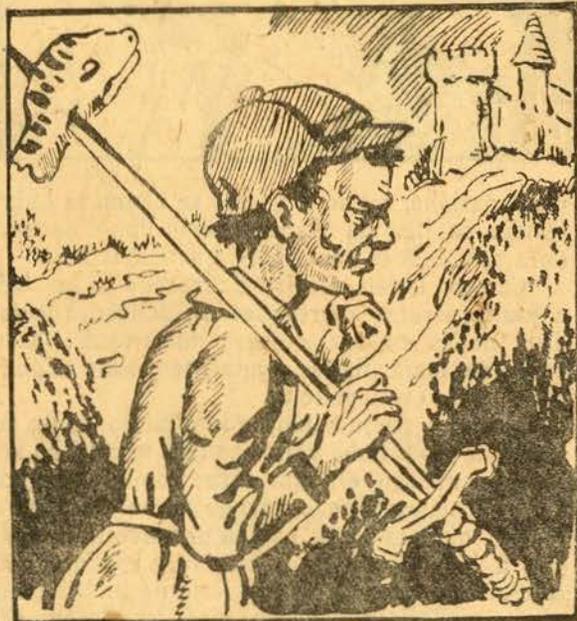
Quando já se desesperava da possibilidade de o captar, um enorme rapagão, que vivera sempre nos seus montes natais, tocado, também, pela Ambição, disse adeus aos velhos pais e surgiu com um grande espadilhão à cintura.

Procurou a serpente que não tardou a aparecer, ávida de mais vidas humanas, e travou-se entre ambos uma luta tremenda e decisiva.

Depois de quâsi dominado, o rapaz, recuperando alento, lançou-se, com impeto, sôbre o colosso que caiu inanimado, sem a cabeça.

O vitorioso, tomando, então, o trofeu na ponta da espada, pôs-se a caminho do Paço. Porém, a noite colheu-o no caminho, obrigando-o a pedir hospedagem em certa pequena povoação de camponeses.

Um pobre lavrador recolheu-o em sua casa, vitorizando-o, pelo seu arrojado feito e pedindo-lhe que se lembrasse dêle quando o rei o nomeasse seu primeiro ministro. O rapaz disse-lhe que sim e foi dei-



tar-se em seguida. Mas o camponês, que não dormira durante toda a noite, tivera uma idéa. E esta idéa não mais o deixou. Levantou-se cedo e preparou qualquer coisa para o herói comer, ao acordar.

Mal êste acordou, dirigiu-se-lhe, pedindo alimento a trôço de algumas moedas.

— «Não é preciso dinheiro, meu senhor.» Respondeu logo o matreiro.

O rapaz comeu, então, sem uma sombra, sequer, de desconfiança.



Mas, pouco depois, caía envenenado, para nunca mais se levantar. O outro ria, triunfante da sua mesquinha e repelente acção.

Sem demora, colocou ao ombro a espada, com a cabeça da serpente enfiada e saiu da povoação, correndo a apresentar-se ao rei que o fez logo seu primeiro ministro, no meio de imponentes festejos.

Mas, um dia, descobriu-se uma conspiração contra a vida do próprio soberano, que logo mandou enforcar todos os revoltosos.

No entanto, como meio de precaução, avisou o primeiro ministro de que, de futuro, devia acompanhá-lo sempre a toda a parte, de espada desembainhada, para, à menor tentativa, castigar o agressor, pois um homem que tinha vencido uma serpente, por sua vez, vencedora dos mais hábeis e fortes espadachins do reino, não era um simples e vão arremêdo.

Passaram-se alguns dias, com tudo na mesma posição.

Certa tarde, porém, apeteceu ao rei dar um passeio pelo jardim que rodeava o seu palácio. E como achasse aprazível o local permaneceu nele, até que a noite casse, internando-se, cada vez mais, por entre o arvoredor.

Demais, a confiança na defesa era absoluta.

A certa altura, sentou-se no tronco recurvado duma árvore, sendo nisso imitado pelo ministro.

Mas, de súbito, ouviu-se barulho entre a folhagem, fazendo ambos erguer com rapidez.

O rei, então, ordenou ao seu defensor que se

A decepção de Mimi e a esperteza do "Zézé"

POR MARIA DE JESUS DOS SANTOS

SÉRIE C

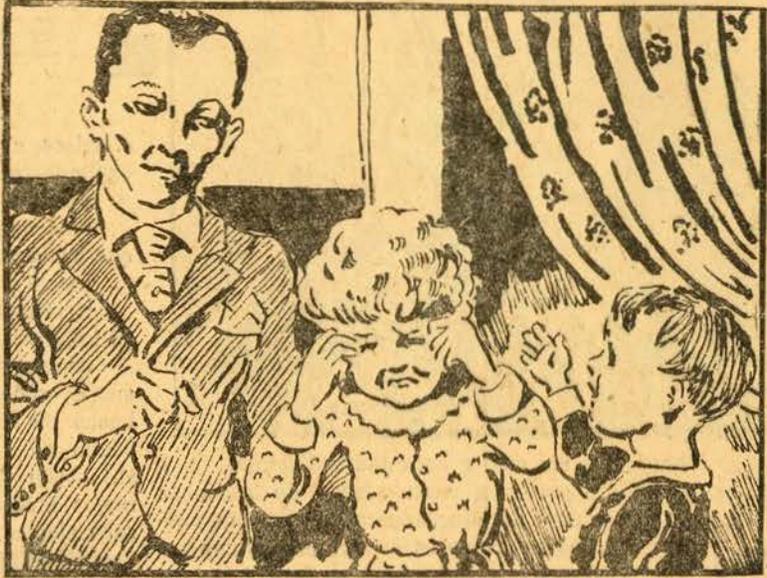
O Senhor António Vás,
Um tanto ou quanto furreta,
Prometeu dar à Mimi
Um bebé em «biscuit»
Mas não passa duma treta.

E ao vê-lo pronto a saír,
Já de chapéu e bengala,
Diz-lhe a filha: — «Papá qu'rido,
O prometido é devido...»
E com isto não se cala.

Sim, meu anjo; volve o Pai,
Afiagando-a, sorridente,
Fizeste bem em lembrar,
Pois podia-me passar
Da lembrança o tal presente.

E, para passar o tempo,
A' Xé, Mimi foi pedir
O «Pim-Pam-Pum» dêsse dia,
Feito com tanta alegria
Que a todos fazia rir.

Assim a lér e relér
O fim da tarde chegou,
E com ela o seu Papá,
Que promete e nunca dá,
Tal e qual o seu avô.



De alegria exuberante
Levando p'la mão Zé-Zé,
A Mimi a correr vai,
Ao encontro do seu Pai
E do seu qu'rido bebé.

Após um chi-coração,
Mais um beijo e um saltito,
Mimi pergunta ao Papá:
— O meu bebé onde está?...
Não comprou?!... Não acredito!

E' certo, crê, meu amôr,
Bem, não se ponha a chorar;
(Diz-lhe o Pai) não encontrei;
Outra coisa não compreí,
Não sabia o que lhe dar!

Ao ver a mana a chorar,
O trapalhão do Bébé,
Alegre, diz para o Pai:
— Não sabe o que lá de dai?!...
Compe um tambôe ó Zé-Zé!

adiantasse e visse de que se tratava. Espantadíssimo ficou, porém, ao reparar que êle, em vez de cumprir a ordem, tentava recuar e cobrir-se com a sua real pessoa.

Julgando que o traía, puxou da espada e disse-lhe:
— «Ministro traidor, assim agradeces as recompensas do teu senhor?»

Um rei não morre sem castigar o servo que o trai. E, a-pesar-de seres quem és, desafio-te a lutar comigo, se isso te aprás.

— «Mas... senhor, — disse o ministro, (que era o falso vencedor da serpente) — eu não vos traí e estou pronto a defender-vos»,

— «Estás pronto a defender-me e recuas? Porque não ousas afrontar quem tenta contra a vida do teu rei? Avança e degola-os como fizeste à serpente.

— «Mas, senhor... tenho medo...»

— «O quê, tens medo, tu?!»

— «Sim, meu senhor.»

— «E mataste a serpente!...»

— «Sim, meu senhor.»

— «Pois bem; ou avanças, ou terás de lutar comigo e pagar a tua traição.»

Como êle continuasse ainda a recuar, cada vez mais, o rei avançou para êle e procurou atingi-lo com um golpe da sua espada. Mas, num momento, o

adversário caiu-lhe aos pés, com as mãos estendidas, implorando perdão em alta voz.

— «Senhor, senhor! Eu sou um desgraçado, um pobre e simples camponês da vossa nação. Não vos traí.»

— «Explica-te melhor e depressa, ou mato-te!» Disse o rei, furioso, prestes a feri-lo.

— «Não fui eu quem degolou a serpente; foi um rapaz dos montes que eu envenenei, quando me pediu hospedagem.»

— «Ah, miserável!» Bradou o rei, com ímpeto e revolta, indo êle próprio ver o que é que teria provocado o barulho na folhagem.

Espantadíssimo ficou, então, ao constatar que era apenas um sapo aos salamaleques.

Meus meninos, vêde bem do que se serviu a Providência para castigar o ambicioso assassino e mentiroso camponês — um vil e humilde sapo!

Dêste conto podemos tirar duas bellssimas lições:—Primeira: quem mal procede, cedo ou tarde, recebe o pago, porque a Providência não dorme. Segunda: nunca devemos ambicionar lugares para os quais não tenhamos capacidade.

FIM

UM CARNAVAL DIVERTIDO

por ALSACIA FONTES MACHADO — Série C

Desenhos de A. CASTAÑÉ



A Marieta é um vivo e encantador diabinho. Muito gordinha, muito rosada, de bracinhos roliços e cara rechonchudinha, tem uns olhos vivos e brilhantes como os dum ratinho e uma boquinha, fresca e vermelha, como uma ginja bastante madurinha.

No passado carnaval, em Domingo Gordo, estava contentíssima porque os pais iam levá-la à «matinée» do Coliseu e ela iria vestida de «cigana», com muitas librinhas douradas na blusa, contos de todos os tamanhos e qualidades, ao pescoço, e saias enormes e garridas, com trapinhos furta-côres que iam fazê-la parecer, exactamente, uma pretinha das selvas, sempre gulosas por estas indumentárias espalhafatosas.

Nem mesmo sei como hei-de dizer-vos quanto a Marieta estava alegre, sem que isto, contudo, a impedisse de lembrar-se que a mãe havia feito, para quando viessem da «matinée», um belíssimo bôlo, com feitios, todo aos altos

e baixos, e uma bandeirinha espetada no alto, ou seja, mais explicitamente falando: — um «puding».

Se a Marieta pudesse, já o teria provado, ó se já!

Mas quê?! O tal «puding» estava no ponto mais alto que havia em casa: — a última prateleira do aparador!

Se ela pudesse chegar-lhe!

Uma cadeira, um banco, uma caixa... E porque não?! Já tinha visto cousas mais espantosas no Coliseu!

Imaginado, aprovado e executado o plano, imediatamente coloca uma cadeira ao pé do aparador, põe-lhe um banco em cima, equilibra a caixa dos brinquedos sobre o banco e... eis uma ótima escada... — (diz de si para si.) — Um passo para a frente, dois passos para cima, e temos a Marieta encarrapitada nos cocurutos da improvisada pianha.



Quando logrou ver o «puding» que parecia mesmo uma montanha branca com vales e encostas, a boca encheu-se-lhe de água e de risos, e os olhos arredondaram-se-lhe de contentamento.

Como havia, porém, de dar princípio à agradável tarefa que se impuzera?

Uma idéia! Apoiado!

Esticou o fura-bôlos, e, com êle muito espetado, meteu-o pelo «puding» dentro, para depois o levar à boca, cheio daquela deliciosa massa que era toda de ovos e açúcar.

Mas, na precipitação da alegria, com a pressa do movimento, a gulosa desequilibrou-se e — trás-catrapuz! — aí vêm caixa, banco e Marieta parar ao meio do chão!

Não vos digo mais nada. Não sei que voltas a Marieta

deu no ar, que se sentou no chão com quanta força tinha; o dedo todo enlambusado do delicioso doce, sujou-lhe o vestido que a mãe, pouco antes, lhe vestira, enquanto os olhos, que há uns minutos estavam cheios de satisfação, se lhe encheram de lágrimas, começando a chorar sem a mínima cerimónia.

Escusado será dizer que a Marieta, naquele carnaval, não ponde ir a nenhuma festa, porque a parte do corpo, que ela, cuidadosamente, costumava sentar numa cadeira, lhe doía de tal forma que a não deixou andar durante uma semana.

O fato das librinhas e das côres espantosas, foi metido numa gaveta e o Entrudo, naquele ano, foi, afinal, apenas para o seu «tu-tu» que se mascarou, artisticamente de roxo...

■ F I M ■

■ Zézito, D. Pulquéria e a «Cabra-Céga» ■



I — Dona Pulquéria, dama assás avantajada, gosta de se entreter com toda a pequenada.

II — «Zézito», mal a vê, dá pulos de alegria; para brincar, jogar logo êle a desafia.

III — «Um lenço!...» clama, então; vamos à «cabra-cega» e enquanto não apanha ninguém, já não sossega.

IV — No salão, onde brinca o grupo folgazão, existia uma jarra, enorme, do Japão.

V — D'olhos vendados, «Zé», a tactear no espaço, vai de encontro ao jarrão e dá-lhe um grande abraço.

VI — Então, convicto, solta esta bela pilhéria: — «E' a Dona Pulquéria, é a Dona Pulquéria!...»

O SONHO DA «RUTH»

Por MARIA ALDA DA GRAÇA MIRA

SÉRIE C

A Ruth era uma linda menina de quatro anos, de grande vivacidade e inteligência, boníssimo coração mas deveras traquinas. Rarissimamente se passava um dia sem que das suas travessuras resultasse qualquer prejuizo: um copo, uma chávena ou um prato partidos, desaparecimento de doces, etc.

A mãezinha, que a idolatrava, tudo lhe perdoava, excepto quando as travessuras eram de maior quilate, applicando-lhe, então, alguns açoites.

— Ela, — (dizia a mãezinha,) — era dotada de tanta bondade e de tantas qualidades boas, que, certamente, com a idade, se modificaria.

Tinha, mesmo, traquinices de extraordinária graça:

Certa ocasião voltou do jardim com um grande ramo de flores e ofereceu-o à mãezinha que, nesse dia, fazia anos. Esta, encantada pela gentilêsa da lembrança, imediatamente distribuiu as flores por diferentes jarras e «solitários»

Momentos depois, tendo Ruth praticado qualquer diabrura, applicou-lhe o merecido correctivo. En-

tão, Ruth, como represália, aproveitando uma distracção da mãezinha, foi-se às jarras e «solitários» e, tirando-lhes as flores, foi collocá-las no seu quartinho de dormir, abalando, em seguida, campos fóra.

Eram horas do almoço e ainda a Ruth não tinha regressado. Preocupada com a demora, foi a mãezinha em sua procura, indo encontrá-la dormindo, sossegadamente, à sombra duns arbustos.

Passara-se o seguinte:

Ruth, depois de muito brincar, fatigada, foi sentar-se, protegida pela sombra dos densos arbustos que circundavam o tanque das regas, acabando por dormir.

Um mau sonho se apoderara dela:

Sonhara que o paizinho, tendo-a encontrado a fazer diabruras, a agarrara, atirando-a para dentro do tanque, mas, tendo sido captada por um prego que havia na parede do tanque, ficara suspensa por uma orelha nesse mesmo prego, o que lhe havia produzido uma grande dôr, sentindo, ao mesmo tempo, os pézinhos e parte das pernas dentro do tanque.

(Continúa na página 7)



O MELRO O CAMPONÊS e o CÃO

Por FRANCISCO AUGUSTO
da FONSECA DIAS

SÉRIE A

UM melro, todos os dias,
Quando desponta a alvorada,
Põe-se a cantar melodias
Em frente à minha sacada.

E solta longos trinados,
Que vão pelo espaço fóra,
Dizer às gentes dos prados:
— Trabalhai, chegou a hora!

E' num telhado fronteiro
O poiso do cantor;
Bem perto dêsse poleiro
Tem o seu ninho de amor.

No meio dum roseiral,
Forrado de brando arminho,
Eis o seu lar paternal,
O cofre do seu carinho!

Por isso é que êle, à alvorada,
Canta em cima do telhado,
Como dizendo à ninhada:
— Acordai, que o sol é nado!

Certo dia o melro viu
Um gato saltador,
E começou: — Piu! Piu!
A soltar gritos de dôr.

Valeu-lhe um cão, que passou
Por acaso no lugar,
E que o gato afugentou
Para longe do seu lar.



Um rapaz, endiabrado,
O seu ninho descobriu,
E o pobre pai, assustado,
Pôs-se a piar: — *Piu! Piu!*

Acode um bom camponês,
Que no momento passou.
E do perigo, outra vez,
O lindo lar escapou.

Cresceram, vieram penas,
E lá foram, com seus pais!
Um ano passado, apenas,
Há quatro ninhos a mais!

E quem salvou esse lar
Duma ruim tentação?
Ides por certo afirmar:
— O camponês e o cão.

Meus meninos, notai bem,
No que vos digo, ao final:
O fazer-se mal a alguém
E' um pecado mortal.

OS SAPOS

(Continuação da 1.^a página)

— «Chamam-se sapos, meu filho; são animais úteis à agricultura, pois destroiem animais nocivos.»

— «Mas, mãezinha, o que quere dizer nocivos?»

— «Animais nocivos são aqueles que fazem mal ás plantas e aos homens.»

— Pois nós tivemos a ideia de matá-los, tão feio o vimos, além do medo que nos meteram.»

— Não, meu filho, nunca se devem maltratar os animais, principalmente não os conhecendo. Fizeste bem em me chamar para ficares sabendo aquilo que ignoravas. Estes animais, feios, como os vêm os meninos, são muito

úteis ao lavrador, porque lhe destroiem os insectos que vão arruinar as suas plantas, que tanto trabalho lhes deram a cuidar. Estes bichinhos pequeninos, esses insectos, precisam necessariamente de ser destruidos de qualquer forma. Encaregam-se, pois, os sapos de os fazer desaparecer.»

Os dois meninos ficaram admirados com tal descoberta e, daí por diante, a sua preocupação consistia em juntar sapos sobre sapos, espreitando e examinando todos os recantos do jardim e tratá-los até com carinho, porque nunca mais se esqueceram da acção benéfica e útil que exercem sobre o campo.

■ F I M ■

■ F I M ■

O SONHO DA RUTH

(Continuação da página 6)

Nisto, acorda, verificando que, de facto, tinha os pés dentro de água. O hortelão, não a tendo visto, abrira a água para a rega habitual. Ora a vala passava pelo sítio onde a Ruth se havia deitado.

O prego em que tinha ficado suspensa e que lhe provocava as dôres na orelhita... eram os dedos da mãezinha, applicando-lhe um mercedíssimo puxão de orelhas.

QUAL a COUSA, QUAL É ELA?...

I

III

Sou um tiro que não mata e exclamação de alegria; sou utensílio de prata, à venda na joalheria!

Sou uma Associação, seja terrestre ou naval, fita de elástico, timbre, combinação de metal.

II

Solução das anteriores

Faço parte dum livrinho que na algibeira se traz e sou veste côr de arminho de quem dorme em doce paz.

1 — Vácuo
2 — Caça

■ F I M ■

3.º CONCURSO de CONTOS E POESIAS INFANTIS

CONCORRENTES CLASSIFICADOS



Manuel Fonseca
Série B

Julleta da Concelção
Série A

Fernando Rodrigues Barragão
Série A

Aizira Alves Abrantes
Premiada da Série A

Feliz Costa Ventura
Premiado da Série B

A Teimosia do Melro

por JOSE AUGUSTO DO VALE

desenhos de A. CASTANÉ



EM tempos que já lá vão, o Melro, como se considerava dotado de grande eloquência, voz maviosa, e facilidade de atitudes, vendo que um camponês ganhava pouco, arvorou-se em defensor da classe proletária, agrícola, dizendo, sempre, no seu canto, desde o romper da aurora, o seguinte estribilho: — «O ordenado dum homem, em todo o tempo, é de — quatro centos e vinte, e um quartilho... e um quartilho... e um quartilho...»

Como as outras aves notassem que êle advogava os interesses dos homens, em vez de advogar os interesses das próprias aves, chamaram-no, para lhe fazer ver — «que em primeiro lugar, estava a obrigação de advogar os interesses delas».

O Melro argumentou, dizendo que estava advogando os interesses duma classe amiga, junto dos seus patrões, porque a dita classe tratava da melhoria dos campos com as boas sementeiras, as quais eram, simultaneamente, úteis aos patrões e à passurada.

As outras aves é que não queriam saber disso, afirmando — «que muitos camponezes tinham filhos máus, que lhes tiravam os ninhos e agarravam muitas mãis nos laços. Portanto, o que desejavam era tê-lo no seu Grémio, como seu representante officioso e que deixasse a outras pessoas tal encargo».



Como não conseguissem chamá-lo por bons modos, formaram-se diferentes partidos da grande família das aves, ameaçaram-no com a sentença de — «Carchête — termo popular da Beira Baixa, que quiere dizer — «sentença de morte!...».

Estava, portanto, o Melro, condenado a perder a vida, se continuasse a advogar a referida causa, isto é, a dizer: — «O ordenado dum homem, em todo o tempo, é de — quatro centos e vinte e um quartilho... e um quartilho... e um quartilho...».

O Melro, como dissemos, forte em argumentação, tomou um porte altivo e replicou-lhes nos termos seguintes: — «Se os filhos dos camponeses assim procediam, era porque ainda não estavam bem educados e instruídos. E se os seus pais, que são pobres, pudessem mandar os filhos à Escola, em vez de os mandar para outra qualquer terra a ganharem a soldada, então, êsses filhos, passariam a ser amigos de todas as aves.»

Um milhafre, que ali se encontrava, esturrado como sempre, não querendo ouvir mais réplicas, atalhou com gestos bruscos: — «Isso são modos de ver!.. O que não deves é continuar com a teimosia que encetaste... Pois, se continuas... os teus dias estarão contados!...»

O Melro, então, desgotoso, deixou a côr parda que ainda se encontra, mais ou menos, no peito da sua companheira, e vestiu-se de preto, como sinal de protesto, deixando, sòmente, o bico amarelo, para manifestar, daí para o futuro, o seu desespero, por não poder continuar livre na sua «oratória».

Mas, como êle, ainda hoje, tem aquela grande paixão, apenas se encontra liberto dos olhos do milhafre, que é o seu maior carrasco, sóbe para os cocurutos das árvores e, sem se importar com a mudança do nome da moeda e sua actualização, continua sempre a dizer no seu canto: — «O ordenado dum homem, em todo o tempo, é de — quatro centos e vinte e um quartilho... e um quartilho... e um quartilho...»

* * *

Quando uma Teimosia é bem fundamentada, é Virtude e Jamais deve ser desprezada!

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■